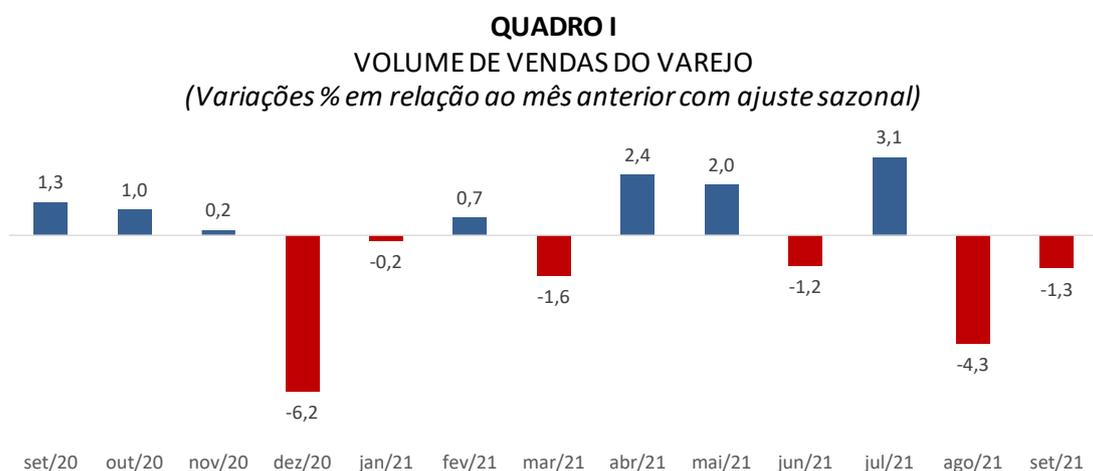


QUEDA HISTÓRICA LEVA VOLUME DE VENDAS DO VAREJO ABAIXO DO NÍVEL PRÉ-PANDEMIA

Maior queda das vendas para meses de setembro da série histórica, evidencia desaceleração no consumo em cenário de inflação elevada e juros mais altos. CNC revisa previsão para 2021 de +4,6% para +3,6%.

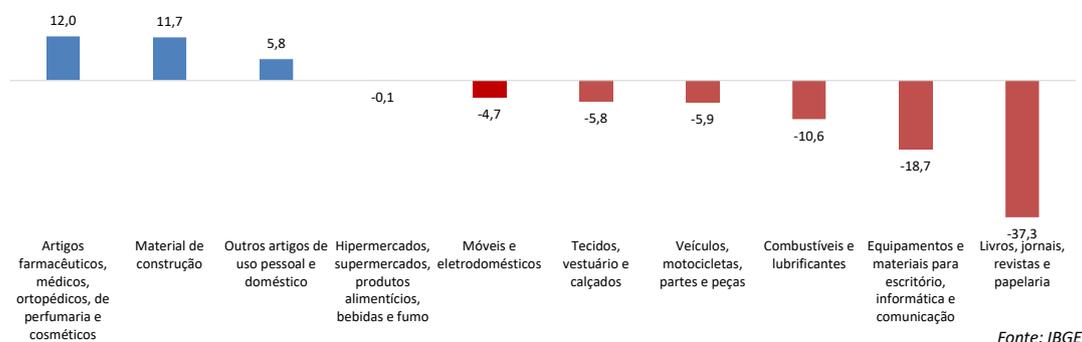
O volume de vendas do varejo recuou 1,3% em setembro, de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada hoje (11/11) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A queda superou as expectativas da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), que projetava recuo menor (-0,8% na comparação com o mês anterior). A variação registrada no mês representou a maior queda mensal para meses de setembro na série histórica, iniciada em 2001. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, a queda de 5,5% foi a maior para meses de setembro desde 2016 (-5,7%).



Fonte: IBGE

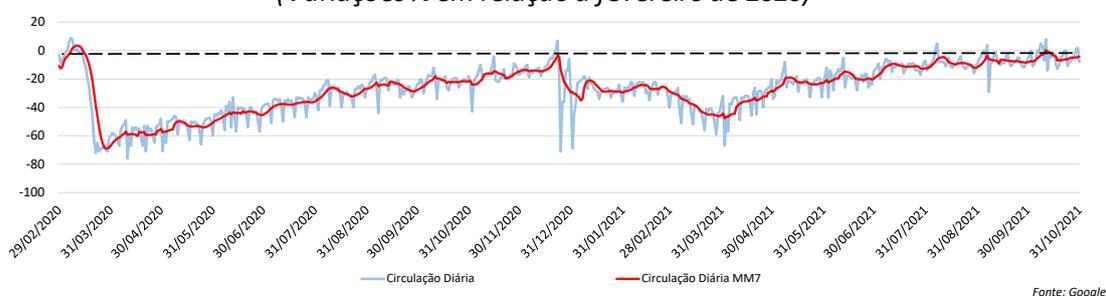
Dos dez segmentos avaliados pelo Instituto apenas o de artigos farmacêuticos e de perfumaria apresentou avanço no mês (+0,1%). Equipamentos de informática e comunicação (-3,6%), móveis e eletrodomésticos (-3,5%) e artigos de uso pessoal e doméstico (-2,2%) já sofrem com o crédito mais caro. A taxa de juros com recursos livres destinados às pessoas físicas avançou de 37,2% ao ano em dezembro de 2020 para 41,3% ao ano em setembro. Com o segundo recuo consecutivo, o volume de vendas do varejo voltou a se situar abaixo do nível observado em fevereiro de 2020 (-0,5%) – patamar inédito desde junho de 2020.

QUADRO II
VOLUME DE VENDAS SEGUNDO SEGMENTOS DO VAREJO EM SETEMBRO DE 2021
(Variações % em relação a fevereiro de 2020)



Esse comportamento das vendas revela que a proximidade da normalização do fluxo de consumidores tende a contribuir cada vez menos para a sustentabilidade das vendas. Ao final de setembro, a média diária de consumidores frequentando estabelecimentos comerciais se situava 8,1% abaixo do nível observado às vésperas do início da crise sanitária. Ao término de outubro, a frequência de consumidores se aproximou ainda mais do nível de fevereiro de 2020 (-4,1%). Durante a primeira onda da crise sanitária, o fluxo chegou a ceder 66% em menos de um mês.

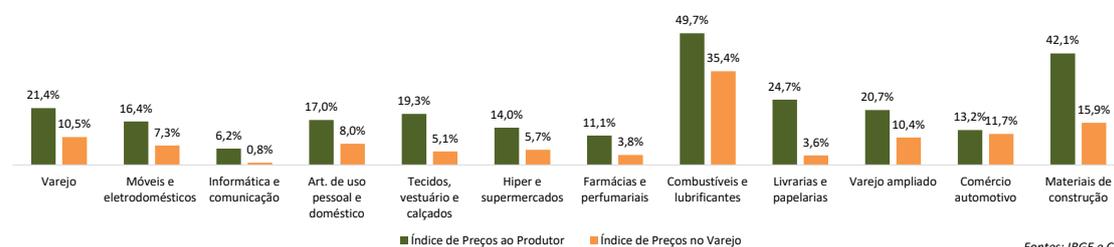
QUADRO III
FLUXO DIÁRIO DE CONSUMIDORES EM ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
(Variações % em relação a fevereiro de 2020)



Neste momento, a inflação elevada e resiliente representa o principal obstáculo à sustentabilidade da recuperação do comércio. As fontes de pressão sobre o nível geral de preços são diversificadas e contaminam uma quantidade cada vez maior de preços. De acordo com o IPCA, desde setembro de 2020 o índice de difusão da inflação se mantém acima de 60%, tendo rompido a barreira dos 70% em dezembro de 2020 (72,1%) e agosto deste ano (71,9%).

Os reajustes dos preços no atacado têm pressionado as margens de comercialização do varejo em todos os dez segmentos do setor. De acordo com o Índice de Preços ao Produtor (IPP), coletado mensalmente pelo IBGE, na média, os preços no “chão de fábrica” subiram 21,4% nos nove primeiros meses de 2021. O comércio varejista, por sua vez, repassou menos da metade (+10,5%) desse aumento ao consumidor final, tendo como referência o deflator decorrente da diferença mensal entre a receita nominal e o volume de vendas do varejo obtidos da própria PMC.

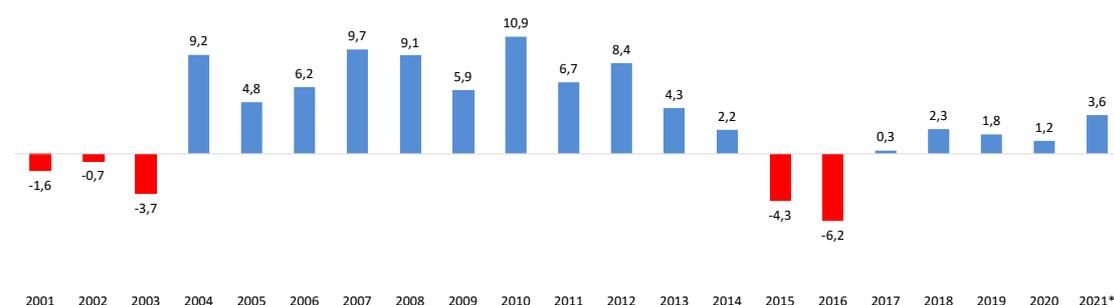
QUADRO IV
INFLAÇÃO ACUMULADA NO VAREJO E NO ATACADO EM 2021
(Variações % em relação a dezembro de 2020)



Até o momento, os segmentos varejistas com maiores defasagens de repasse de preços em relação às variações no atacado são: Livrarias e papelerias (21,5 pontos percentuais); tecidos vestuário e calçados (14,2 p.p.) e informática e comunicação (14,1 p.p.). Diante do surto inflacionário global e da demanda por energia, a tendência é que a reversão do quadro atual da inflação não ocorra no curto prazo e, conseqüentemente, o consumo seguirá em desaceleração nos próximos meses.

As restrições orçamentárias da população, associadas ao quase esgotamento da capacidade de endividamento das pessoas físicas, deverão fazer com que o fluxo de consumidores no varejo contribua marginalmente cada vez menos para o avanço das vendas nos próximos meses. Mesmo tendo revisado para baixo sua projeção de vendas para este ano (de +4,6% para +3,6%), a CNC segue apostando no crescimento das vendas ao final de 2021. Contudo, o cenário de 2022 para o varejo segue desafiador, não apenas do ponto de vista da evolução das receitas, mas também das pressões de custos.

QUADRO V
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO
(Variações % em relação ao ano anterior)



*previsão CNC

Fontes: IBGE e CNC